



Liga

Operária

Católica

Secretariado Geral de Lisboa.....

Senhor Presidente do Conselho

N.º

LISBOA

Excelência

O Conselho Geral da Liga Operária Católica, reunido em Lisboa nos dias 8 e 9 de Março, cometeu-nos um duplo honroso encargo: o de vir saudar Vossa Excelência em seu nome e no de milhares de operários que legitimamente representa, e o de sermos intérpretes dos seus mais ardentes desejos de ver finalmente defendidos os lares portugueses pelo estabelecimento do salário familiar.

Escolhemos o dia 15 de Maio para o cumprimento d'êste mandato, porque êste dia, Senhor Presidente, é para nós um programa de vida e de acção e uma certeza da libertação definitiva do nosso espírito até agora escravizado pela produção. Vossa Excelência sabe o que para nós significam os dois nomes sagrados de Leão XIII e de Pio XI, aos quais, como Portugueses, desejamos acrescentar outro nome: o de Salazar.

Aceite Vossa Excelência as homenagens dos operários católicos de Portugal. E às nossas homenagens juntamos o preito da nossa gratidão por ter feito ressurgir em Portugal o Corporativismo, que, esperamos ainda virá a ser um dia verdadeiro Corporativismo como Vossa Excelência o entendeu e o quere, e nós ansiosamente desejamos.



Liga

Operária

Católica

Secretariado Geral de

N.º

Senhor Presidente do Conselho !

Seria ocioso advogar a causa do salário familiar e a justiça de sua aplicação, perante quem sempre foi um dos seus mais ilustres e brilhantes paladinos. Não nos perderemos, portanto, na defesa doutrinária da grande aspiração que aqui nos trouxe.

Diremos apenas duas coisas.

Seja a primeira a de que nós, membros da Liga Operária Católica, todos chefes de família, já não temos possibilidade de cumprir o nosso dever de dar filhos robustos e sãos à Pátria. Equiparados nos salários a quem não tem encargos de família, mentiríamos a Vossa Excelência se lhe ocultássemos a dolorosa situação dos nossos lares construídos com tanta esperança de felicidade. Vossa Excelência prometeu-nos que a Revolução continuaria enquanto faltasse pão num só lar português. Pedimos, em nome de tantas famílias sacrificadas em excesso, ordene que a Revolução continue.

Como dirigentes nacionais duma organização de operários católicos espalhada por todo o País para revelar aos trabalhadores a grandeza cristã do seu esforço hercico, de cada dia, nós sentimos, como ninguém, a amargura dos nossos irmãos de trabalho. De todos os recantos de Portugal nos chegam insistentes ecos dos seus anseios e apreensões. Os próprios Sindicatos Nacionais, a quem Vossa Excelência confiou o encargo de representar oficialmente o Trabalho, dizem-nos também - e com grande mágua - aquilo que o nosso contacto



Liga

Operária

Católica

Secretariado Geral de

3

N.º

diário com a alma do povo nos vem de há muito dizendo,

Por amor da Nação e pelo respeito que todos devemos às conselheiras de Vossa Excelência para tornar esta Pátria segura e feliz, temos sofrido em silêncio e resignadamente a miséria da nossa condição, sem reclamar aumento de salário perante o constante agravamento do custo da vida. Mas ao ver com quanto afan se acumulam riquezas à custa do nosso sofrimento e dos sofrimentos da classe agrícola e das classes médias, resolvemos abrir-lhe as nossas almas, a pedir lealmente que nos proteja, não tanto a nós que, por graça de Deus, talvez fôssemos capazes de sacrifício heroico, mas a nossos filhos que não compreendem a razão da sua desdita.

A natalidade baixa ^{reservados} assustadoramente e falta-nos coragem moral para onerar a consciência dos nossos companheiros de trabalho que se recusam a dar filhos a uma Pátria que os abandona à tirania dos baixos salários paternos, e à educação da rua pelo emprêgo mal pago daquelas que deveriam ser as donas do lar.

Outra coisa pedimos licença para dizer, Senhor Presidente. Se Vossa Excelência - como se afirma - pensa em fazer a revisão dos salários, presentemente diminuídos do seu poder de aquisição pelo aumento de valor das coisas indispensáveis à vida, que essa revisão seja feita em ordem a serem concedidos subsídios de família.

É esta, talvez, a mais oportuna ocasião de estabelecer as Cai-



Liga
Operária
Católica

Secretariado Geral de

N.º

xes de Compensação para o salário familiar. Quem não tem encargos de família pode viver humanamente com os salários que auferir. Já o mesmo se não dá connosco, porque o nosso braço tem de assegurar a vida a outros seres.

Até agora, porque os trata em pé de igualdade, a Pátria tem sido Mãe daqueles a quem ela nada deve, porque até lhe recusam - casados ou não - a garantia da sua própria continuidade. E tem sido Madrasta daqueles que mais a amam, porque, assegurando as gerações futuras, a não deixam morrer. O momento parece-nos oportuno, Senhor Presidente, para reparar esta gritante injustiça.

Não vimos pedir, portanto, um aumento de salários. Vimos pedir que, atendendo ao custo da vida, se deem subsídios de família, cujo peso a produção deve suportar.

Uma objecção queremos prevenir - objecção que temos ouvido fazer repetidas vezes, mas sem fundamento sério. Dizem que os aumentos de salários em nada beneficiam os operários porque trazem consigo um equivalente aumento do custo da vida. Vossa Excalência sabe que isto é mentira. O custo da mão de obra não vai além, em média, de uns vinte por cento, se tanto, do custo da produção. Um aumento de salário ou subsídio familiar que obrigasse a um aumento de 30 por cento no preço da mão de obra, nunca poderá agravar, portanto, o custo da produção em mais de 5 a 6 por cento. Se a nós se exigiu por tão longo tempo tamanhos sacrifícios como os que vimos fazendo,



Liga

Operária

Católica

Secretariado Geral de

5

N.º

não poderá o capital suportar esse leve aumento sem aumentar o preço de venda? E, na hipótese negativa, não poderá a Nação suportar um ligeiro aumento de 5 por cento no custo da vida para que os operários possam viver humanamente ?

Senhor Presidente do Conselho:

A Liga Operária Católica, interpretando o pensamento de quantos comungam nos nossos ideais, vem afirmar a Vossa Excelência que estamos prontos a todos os sacrifícios. Queremos ser os primeiros a suportá-los, se Vossa Excelência -guarda vigilante do interesse nacional -no-los pedir.

Ousamos no entanto testemunhar a Vossa Excelência a verdade e a angústia dos anseios daqueles que vêm no Trabalho mais alguma coisa do que mercadoria ou meio duro de ganhar a vida.

A Bem da Nação

Lisboa, 15 de Maio de 1942

O Presidente Geral da L.O.C.

Mamede d'Amorim



Liga

Operária

Católica

Secretariado Geral de

N.º

O Secretário Geral

O Tesoureiro Geral

O Assistente Eclesiástico

FORUM ABEL VARZIM
DESENVOLVIMENTO
E SOLIDARIEDADE

© Todos os direitos reservados



S. R.
PRESIDÊNCIA DO CONSELHO

GABINETE DO PRESIDENTE

Procº. 1/8

Ofício nº. 4867

Exmº. Senhor Presidente Geral da Liga Operária Católica:

Venho devolver a V.Exã. a exposição dirigida a Sua Exã. o Presidente do Conselho pela Liga Operária Católica, em 15 do corrente.

Se bem que as palavras com que V.Exã. se refere à ação do Senhor Presidente do Conselho o tenham pessoalmente penhorado, encarregando-me de, em seu nome as agradecer a V.Exã., não é possível ao Governo aceitar aquela referida exposição.

Na verdade, só aos Sindicatos Nacionais é reconhecida pela Organização Corporativa a faculdade de defenderem os interesses dos trabalhadores, não sendo a Liga Operária Católica considerada como entidade a quem incumba defender interesses profissionais.

A ação da Liga merece todo o aplauso quando se limite aos fins que estão indicados à Ação Católica; mas não é possível ao Governo reconhecer-lhe a ação que está reservada à Organização Corporativa.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Exã. os meus melhores cumprimentos.

A bem da Nação.

Cabinete da Presidência do Conselho, em 20 de Maio de 1942.

O SECRETÁRIO,

Alexandre Ribeiro da Cunha
Alexandre Ribeiro da Cunha

Anexo: um documento